UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Karen de Souza Sottili

Recreio: espaço e tempo de expressão das crianças

Porto Alegre
2º Semestre
2016

Karen de Souza Sottili

Recreio: espaço e tempo de expressão das crianças

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Jaqueline Moll

Porto Alegre
2º Semestre
2016

*Young hearts run free**

* Música de Candy Staton

RESUMO

Este estudo busca refletir sobre o espaço/tempo do recreio a partir das percepções das crianças do terceiro, quarto e quinto ano de uma escola pública da rede municipal de Porto Alegre. Para tanto, parte das opiniões das próprias crianças: o que pensam a respeito do tempo/espaço do recreio; como veem a utilização dos espaços escolares; o que gostam e o que não gostam; do que sentem falta.

Este estudo partiu, assim, do interesse pela manifestação das crianças, assim como das suas inquietações sobre esse espaço/tempo e de sua importância dentro contexto escolar.

Como procedimento metodológico, foi adotado o estudo de caso, com realização de entrevistas dentro de um grupo de discussão. Utilizou-se, também, o diário de campo do estágio curricular, desenho dos alunos e registro fotográfico da escola. O referencial teórico está embasado nos ideais de uma pedagogia libertária.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 6
2. METODOLOGIA.....7
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....9
4. ÍNICIO DO PERCURSO: A ESCOLA 11
4.1. Pátio e espaços.....13
4.2. Vinte minutos de recreio.....16
5. ANÁLISE DAS CONVERSAS.....19
5.1. Grupo de discussão 19
5.2. O que é o recreio? 20
5.3. Recreio X Sala de Aula.....22
5.4. O problema do tempo.....25
5.5. Desenhos da escola.....30
6. POSSÍVEIS CAMINHOS.....35
7. REFERÊNCIAS 38

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa originou-se das inquietações a respeito do espaço/ tempo do recreio, surgidas durante a minha trajetória escolar e se intensificando após o contato com diferentes escolas, nas semanas de prática e no estágio docência do curso de Pedagogia. Desde cedo, interrogava-me sobre a importância do recreio e sobre como este se constituía como um espaço/tempo de liberdade em meio às outras atividades curriculares.

Portanto, a justificativa para investigar este tema deve-se às vivências e às observações do contraste entre o recreio e os outros espaços e tempos escolares, assim como a realização de um trabalho reflexivo sobre este tema, na disciplina Tempos e Espaços Escolares: atravessando fronteiras, ministrada pelo professor Johannes Doll.

No início dessa pesquisa, pensava em investigar as questões exclusivamente voltadas ao tempo do recreio: quanto tempo é o recreio em outros países? Por que o tempo de recreio do Brasil é de vinte minutos? Mas ao longo das minhas buscas, percebi a inviabilidade dessa proposta em virtude da falta de informações e da dificuldade em obtê-las. Dessa maneira, passei a me interessar por ouvir as crianças, saber o que elas tinham a dizer sobre esse tema.

A partir dessas observações e visando a investigações decorrentes desse tema, surgiu a pergunta norteadora deste estudo: “Como os alunos do terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental pensam o espaço e o tempo do recreio em relação aos outros ambientes escolares?”

Desta forma, o objetivo deste trabalho é oportunizar algumas reflexões acerca do espaço/tempo do recreio a partir do olhar das próprias crianças. Para tanto, primeiramente discorro sobre a pedagogia libertária, seus princípios e conceitos, que serão utilizados durante a pesquisa. Em um segundo momento, apresento a escola, o porquê da escolha dela, seus espaços e como o recreio é organizado nela. Após, divido os principais tópicos da entrevista em capítulos de análise, trazendo em cada um deles, partes das conversas do grupo e algumas reflexões feitas a partir delas. Além disso, trago os desenhos produzidos por cada uma das crianças e faço alguns comentários sobre eles. Apresento, por fim, as relações entre o recreio e os outros espaços escolares, assim como os questionamentos e perspectivas sobre o tema e alguns possíveis caminhos a serem tomados.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, tendo como objetivo compreender o fenômeno do recreio a partir de um exame detalhado dessa situação, utilizando a perspectiva dos sujeitos nela envolvidos, no caso as crianças, optei pela pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso.

Para melhor compreensão do estudo de caso é importante pontuarmos algumas características desse tipo de pesquisa:

> [...] 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
> 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20).

Convém salientar que nesta pesquisa faço um recorte etário para investigar o recreio nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, constituem o grupo de discussão investigado alunos do terceiro, quarto e quinto ano. Esta escolha se dá por considerar que nesses primeiros anos do ensino fundamental, o recreio se formaliza como espaço/tempo, assumindo inclusive essa nomenclatura. O nome traz consigo regras, tempos e espaços definidos dentro da escola, diferentemente do que existia para as crianças na educação infantil.

Depois de estabelecido o tipo da pesquisa como estudo de caso, utilizei como principal ferramenta as entrevistas compreensivas, que ocorreram dentro de um grupo de discussão. As observações e entrevistas foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2016. Optei por utilizar as entrevistas compreensivas, pois, conforme Zago (2003, p.295), elas “não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação”. Sobre esse tema, a mesma autora, complementa (2003, p. 296): “Na entrevista compreensiva o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre."

As entrevistas, portanto, ocorreram em um grupo de discussão. O grupo é uma técnica comumente utilizada na psicologia e que foi adaptada para realização

desse estudo. A escolha deveu-se a possibilidade de poder escutar os alunos em grupo, participando ativamente da entrevista, dialogando entre si, assim como, abrindo espaço para observar a desenvoltura e a flexibilidade que a participação em um grupo pode proporcionar.

O grupo foi composto por seis crianças, três meninos e três meninas, com idades entre 9 e 11 anos, pertencentes ao terceiro, quarto e quinto anos da escola. As idades foram elegidas em virtude da capacidade de expressão que crianças dessa faixa geralmente apresentam. Para a escolha das crianças, pediu-se ajuda às professora de cada ano, para que designassem livremente dois de seus alunos, sem qualquer outro critério, a não ser um menino e uma menina. Esse critério foi adotado para não privilegiar respostas ligadas ao gênero.

Reuni o grupo na própria escola, em uma sala reservada, somente com a presença das crianças e a minha, como entrevistadora. Fiz uma breve apresentação de minha trajetória e dos objetivos gerais da pesquisa que eles iriam participar. Neste ponto, preferi falar que se tratava de uma investigação do ambiente escolar ao invés de dizer do recreio, possibilitando que as crianças pesquisadas falassem de diferentes espaços e tempos dentro da escola e não somente sobre o recreio. Assim, optei por apresentar a pesquisa de forma mais ampla, não direcionando as possíveis respostas. No início da conversa, com intuito de criar um ambiente descontraído e informal, pedi que cada criança se desenhasse no espaço que mais gosta de estar dentro da escola. Durante a realização dos desenhos, iniciamos a entrevista.

A entrevista foi gravada e transcrita para posterior reflexão. Para complementar as análises, e como peça fundamental, utilizei os autores escolhidos como aporte teórico, seguindo as orientações proposta por Lüdke e André:

> Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. LÜDKE e ANDRÉ (1986, p. 1-2)

Durante a realização das entrevistas utilizei do diário de campo para coletar outros dados e informações a partir do que foi observado, antes, durante e após os encontros, assim como foram feitos registros fotográficos da escola.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como aporte teórico principal para o trabalho, utilizo alguns ideais e princípios da pedagogia libertária, ou anarquista[1]. Esta abordagem foi escolhida, sobretudo, pelo caráter não estruturado do recreio, indo ao encontro de minhas indagações e possibilitando complexificar as questões envolvendo a escola e seus tempos/espaços.

Não poderia começar a falar de uma pedagogia libertária sem discorrer sobre o conceito de liberdade. Segundo o entendimento da perspectiva libertária, a liberdade só tem sentido se pensarmos em um ser humano inserido na sociedade. A liberdade é conquistada pelas pessoas à medida em que elas fazem parte da civilização, que se relacionam com outras pessoas e com o mundo ao seu redor. O ser humano isolado, ou improdutivo, jamais será livre.

Conforme o que foi dito anteriormente, a liberdade está estreitamente ligada à consciência e à reflexão por parte do ser humano de seu papel social e de sua capacidade de viver de forma comunitária.

Consequentemente, a educação, para os pensadores libertários, é fundamental, pois tem o poder de dar liberdade aos seres humanos. Ela é condição para o combate à miséria, à ignorância e ao preconceito. A educação possibilita a formação de seres humanos autônomos, criativos, críticos e solidários.

A pedagogia libertária também critica fortemente a reprodução social que ocorre nas escolas, seguindo os interesses das classes dominantes. Segundo Gallo:

> Educar uma pessoa para que ela seja o que não é: objetivo claro, mas nem sempre confesso da educação tradicional. Essa educação sempre procurou formar as pessoas de acordo com as necessidades da sociedade, servindo operários conformados para o trabalho braçal e formando os filhos da burguesia para as funções de gestão da sociedade, mas ainda assim, para gerir de acordo com os desejos da sociedade, e não deles próprios. (GALLO, 1995, p 35):

Dessa forma, a pedagogia libertária critica a educação que apresenta ideias de mundo já prontas e acabadas e que, com isso, mantém o sistema social vigente,

[1] Sigo a sugestão de Silvio Gallo que aponta essa analogia em seu livro: Pedagogia do Risco.

e capitalista, educando as pessoas para seguirem os parâmetros subjetivos/objetivos do que é socialmente aceito.

Assim, o objetivo da pedagogia libertária é que cada um pense e aja de sua maneira, assumindo sua singularidade sem fechar-se à amplitude do social. Entende que o conhecimento é construído coletivamente, fundado em critérios solidários, e partindo das especificidades de cada um dentro do grupo. Portanto, é uma pedagogia voltada à vivência em grupo, compreendendo que o conhecimento é o resultado das experiências vividas dentro do coletivo. (GALLO, 1995).

Como aporte teórico complementar deste trabalho, falando da importância do brincar e de sua contribuição para o aprendizado, farei referência à Fortuna. Trarei Sacristán para falar da complexidade do tempo escolar. E a respeito das orientações metodológicas da pesquisa, valho-me dos autores Lüdke e André.

A partir dessa aproximação inicial e estabelecidos os principais caminhos pelos quais irá andar esse trabalho, inicio a apresentação da escola, seus espaços e o recreio.

4. ÍNICIO DO PERCURSO: A ESCOLA

Nesta capítulo, explicarei brevemente os motivos da escolha da escola, assim como um pouco de sua organização e de sua história.

Para a realização de alguns trabalhos durante o curso de pedagogia visitei e conheci algumas escolas públicas da rede municipal e estadual de Porto Alegre. Durante esse período, observei diferentes formas de gestão e organização do tempo e do espaço escolar. Por esses motivos, resolvi realizar meu trabalho de conclusão de curso em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre, localizada no bairro Mário Quintana.

Primeiramente, a escola realiza vários projetos voltados à educação integral[2] dos seus estudantes. Desde 2009, ela participa do Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU)[3]: um projeto de educação ambiental que ocorre todos os dias da semana, no turno inverso ao das aulas. Também, a escola conta com as oficinas esportivas, realizadas no turno inverso, durante três horas, dois dias da semana, e com a oficina teatral, também no turno inverso, oferecida uma vez por semana.

Além disso, desde 2008, a escola oferece oficinas realizadas no turno inverso, como as de letramento e dança contemporânea, disponibilizadas pela Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI).

Este ano foi o primeiro que, por falta de verba, a escola não pode receber monitores e oficinas do Programa Mais Educação. Desde sua implementação, a escola vinha, todos anos, oferecendo aos seus alunos a possibilidade de participar das oficinas.

O perfil das crianças que frequenta essa escola é muito próximo da realidade que quero trabalhar em minha vida profissional. A maioria das crianças não possuem muitos recursos financeiros e materiais, nem condições dignas de moradia.

---

[2]Educação integral representa a opção por um projeto educativo integrado, em sintonia com a vida, as necessidades, possibilidades e interesses dos estudantes. Conforme: http://educacaointegral.mec.gov.br/ Acessado em 04/10/2016.

[3] O LIAU propõe a aproximação dos saberes acadêmicos e pedagógicos àqueles produzidos no espaço comunitário, mostrando aos alunos que o estudo do meio ambiente envolve também as relações sociais que nele se estabelecem, colaborando, assim, para a produção de significados sobre o território.Conforme:http://educacaointegral.org.br/experiencias/em-porto-alegre-projeto-de-educacao-ambiental-reconhece-saberes-comunitarios/. Acessado em 02/10/2016.

Um número relevante de estudantes reside em áreas de vulnerabilidade social e, frequentemente, sofrem com a guerra do tráfico na região.

Ainda, dentro da perspectiva da educação integral, e possibilitando estudos intersectoriais, a escola se mostra sensível à realidade social e familiar dos estudantes e estabelece junto à comunidade relações próximas e respeitosas. Também, conforme observei em minhas visitas, a equipe diretiva está bem informada sobre o contexto dos alunos, assim como demostra ter o cuidado de conhecer e manter contato regular com as famílias das crianças.

Outro dos motivos da escolha dizem respeito à sua origem. Nesse sentido, são importantes as considerações do caderno pedagógico *Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade* (2010, p.12):

> [...] a criação/ampliação/reinvenção dos espaços educativos depende de uma reflexão sobre **a gênese do espaço, do tempo e do território escolar** do entendimento de como, quando e porque eles se fizeram assim.

Desde a sua fundação, em 1997, a escola funciona por ciclos de formação. A organização por ciclos permitem rever a lógica da repetência, pois insere as crianças em três grandes grupos: a infância, a pré-adolescência e a adolescência. O primeiro ciclo, (A10, A20, A30) com crianças dos seis aos oito anos e onze meses; o segundo Ciclo (B10, B20, B30) com pré-adolescentes dos nove aos onze anos e onze meses e o terceiro Ciclo (C10, C20, C30) com adolescentes dos doze aos catorze anos e onze meses. Além de romper com a dinâmica da repetição, a organização por ciclos conta com a existência dos professores volantes e oferece aos alunos com dificuldade de aprendizagem o Laboratório de Aprendizagem e a Sala de Recursos Integrados.

Infelizmente, ao analisar a história da escola muita coisa mudou desde 1997, ano de sua fundação, até hoje, em razão da descontinuidade das políticas públicas. Uma dessas mudanças foi a extinção de várias atividades antes previstas dentro do sistema de ciclos e que eram ferramentas valiosas para o trabalho da escola. Acabaram as pesquisas sócio antropológicas, o sábado integrador, o conselho com as mães e a assessoria permanente junto à SMED. Também foram extintas as turmas de progressão, que surgiram com o intuito de serem turmas especiais, com

número de alunos reduzido, para contemplar estudantes com alguma defasagem de aprendizagem.

Mesmo com todas estas mudanças, a escola segue sendo referência para os alunos e, além de ser um lugar de aprendizagem, é, ao mesmo tempo, um ambiente seguro, divertido e acolhedor. Adota a pedagogia construtivista, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, como consta em seu Regimento:

> Art. 48 - No Ensino Fundamental, a proposta pedagógica da Escola privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social.

Ainda com relação às ideias educativas, demonstra ter um entendimento amplo, também, a respeito do trabalho do professor, compreendendo-o como mediador e não como transmissor das aprendizagens dos alunos. Tais ideias também estão no regimento da escola:

> Art. 49 – A EMEF adota a concepção sócio-interacionista como referencial teórico norteador do trabalho com os alunos, tendo o professor como mediador do conhecimento e os projetos de trabalho como um processo baseado em aprendizagens significativas, relacionando temas, fontes e procedimentos que possibilitem a descoberta de novos significados para os conhecimentos adquiridos.

Portanto, a escola se diferencia ao apresentar uma prática voltada ao contexto histórico-social dos alunos, oferecendo oficinas e atividades de acordo com as possibilidades e os interesses de seus estudantes.

4.1. Pátio e espaços

Há vários espaços dentro da escola além da sala de aula, e cada um deles tem as suas especificidades. Pátio, ginásio, biblioteca, refeitório ou sala de aula, cada um desses lugares tem uma identidade própria, suas regras e a sua organização. Como aponta Lima, o espaço físico é complexo e muito importante para o desenvolvimento humano:

> Para qualquer ser vivo, o espaço físico é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além ser um elemento potencialmente mensurável, é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais. (LIMA, 1998, p182)

A estrutura física de cada escola revela o trabalho que ali é desenvolvido e como a equipe diretiva e os professores entendem que deve ser mantida e organizada. Nesse sentido, são fundamentais as concepções do que é um espaço educativo, expostas do caderno pedagógico *Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade* (2010, p. 29):

> [,,,] todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente, é um espaço educativo. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes

Na escola, observei um espaço educativo, habitado e organizado segundo as necessidades dos estudantes.

Foto 1 - Parte central, caminho entre os prédios. Fonte: Acervo Pessoal

Foto 2- Área de circulação grafitada. Fonte: Acervo Pessoal

A escola, construída durante a administração popular[4], dentro do conjunto das políticas desse governo, tem um espaço privilegiado: dispõe de quadro prédios, uma área central coberta e um ginásio coberto. Nos prédios estão a biblioteca, o refeitório, o laboratório de informática, o laboratório de aprendizagem, a sala de integração e recursos, a sala de artes, a sala para aulas de música, entre outros. Ainda, dentro da escola também encontramos várias áreas externas com quadras esportivas, pracinhas, áreas verdes, horta e áreas de convivência.

Foto 3 – Campo de futebol e área verde. Fonte: Acervo Pessoal

[4] Temo usado para se referir a administração do Partido dos Trabalhadores (PT), na cidade de Porto Alegre, durante os anos de 1989 à 2004.

Foto 4 – Quadra Poliesportiva. Fonte: Acervo Pessoal.

4.2. Os minutos de recreio

Nesta escola, como na maioria das outras, o recreio do ensino fundamental tem duração de vinte minutos. Nos dias de chuvas, dependendo do professor, o recreio ou é realizado dentro da própria sala de aula, ou não é realizado. Quando não chove, o recreio ocorre em toda a área aberta do colégio e as crianças escolhem que lugares, com quem e como querem aproveitar.

Foto 5 – Pracinha. Fonte: Acervo pessoal

Foto 6 – Pracinha. Fonte: Acervo pessoal

As turmas do terceiro ciclo têm o recreio em horário diferenciado, iniciando vinte minutos antes que os estudantes do segundo ciclo. As crianças bem pequenas, de seis e sete anos, que cursam o primeiro ano, tem o recreio em um pátio separado, só para elas. O pátio é no fundo da sala de aula, sem nenhum contato com os alunos mais velhos. No turno da tarde, os alunos do segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto ano são liberados para o recreio ao toque alto da sirene, às 16h. Pode-se imaginar, com a quantidade de turmas, que o número de crianças que sai para o recreio é bastante grande. E grande é também o barulho e a “festa” que fazem.

No exato segundo que saem da porta da sala de aula, inicia-se o recreio. As escadas, principalmente o corrimão, são os primeiros brinquedos.

Foto 7 – Área central. Fonte: Acervo Pessoal

Observei que grande parte das crianças correm para beber água e para brincar. Outras pulam corda, outras sobem em árvores, outras jogam futebol, outras ficam conversando ou batendo figurinhas em pequenos grupos; outras brincam com os brinquedos da pracinha, outras ficam sentadas conversando. Enfim, inúmeras atividades ocorrem durante aquele tempo, ficando difícil descrever tudo o que acontece.

Foto 8 – Árvores dentro da escola. Fonte: Acervo Pessoal

Durante as observações, pareceu-me que durante os momentos do recreio, a grande maioria das crianças corriam felizes de um lado para outro, escalando muros, escadas e morros da escola. Percebi que se movimentavam constantemente dentro daquele enorme espaço, divididas entre as muitas possibilidades para brincar.

Após a apresentação do ambiente escolar, no qual essa pesquisa foi conduzida, no próximo capítulo analisarei os principais temas que surgiram a partir da entrevista com as crianças sobre o espaço/tempo do recreio.

5. ANÁLISE DAS CONVERSAS

Como propõe Eliane Brum em seu livro *A Vida que Ninguém Vê* (2006), é preciso ter um olhar para ver, um olhar que "desconfia do óbvio", aliás que não acredita na obviedade das coisas, que busca sempre ver, "ler desejos" tanto dos outros, quanto os seus. É esse exercício complexo que me proponho enquanto observadora e pesquisadora.

O olhar de observadora e a escuta atenta e sensível do grupo de discussão possibilitaram fazer algumas das minhas análises, na tentativa de responder à minha pergunta norteadora: "Como os alunos do terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental pensam o espaço e o tempo do recreio em relação aos outros ambientes escolares?"

Partindo dessa problemática, me propus a pesquisar o que é recreio para as crianças, como aproveitam esse espaço/tempo, quanto tempo o recreio deveria ter, quais as diferenças com os outros espaços, o que tem no recreio e o que falta, o que poderiam existir ali e nos outros espaços.

5.1 A pesquisa com o Grupo de discussão

Como mencionado anteriormente, a curiosidade pelo recreio e suas diferenças em relação aos outros momentos e ambientes escolares é um dos grandes motivadores para este trabalho. A existência de um interesse específico é um dos principais motivos para os quais o pesquisador vai a campo realizar seus estudos:

> [...]estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas". (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.1-2)

Dentro do estudo sobre recreio e refletindo sobre os princípios da pedagogia libertária, como a autogestão das crianças e a importância das experiências vividas em grupos, conclui que seria mais proveitosos desdobrar as entrevistas em um grupo de discussão.

A escolha pelo grupo de discussão também partiu da possibilidade de escuta de crianças de diferentes idades, de ouvi-las juntas e interagindo. Segundo Meinerz :

> O grupo de discussão, nascido na tradição da sociologia espanhola, consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes. (MEINERZ, 2005, p.28)

Como mencionado na metodologia, o grupo era formado por seis crianças. Três meninos: Samuel com nove anos, Renan com dez anos e Bruno de onze anos; e três meninas: Renata e Paula com nove anos e Julia com onze anos. Foram escolhidos, propositadamente, um menino e uma menina de cada ano (3º, 4º e 5º) com intuito de não privilegiar respostas de gênero. A responsabilidade da escolha foi das professoras de cada ano, não sendo indicado nenhum outro critério para a escolha.

A pesquisa foi realizada em uma sala do anexo do prédio da escola. Sentamos em volta de uma mesa, me apresentei como pesquisadora e demos início as conversas. As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise. Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios para preservar a identidade das crianças, e escolhidos pelas próprias entrevistadas.

5.2 O que é o recreio?

Para início da análise, apresentarei o primeiro trecho da entrevista do grupo de discussão:

Entrevistadora: – Para vocês, o que é o recreio?
Samuel: – É um espaço para se divertir.
Renata: – uma hora para descansar.
Bruno: – Para brincar com os outros.

Nessas respostas, aparentemente simples, encontram-se quatro palavras essenciais que definem o recreio para as crianças: diversão, brincadeira, descanso, e socialização.

Começando pela análise da palavra diversão e seu significado segundo o dicionário Aurélio, podemos compreender que o recreio é "algo que serve para divertir; brincadeira, divertimento". O recreio, então, conforme observado pelas crianças, cumpre a sua função, pois é um espaço/tempo de lazer, de brincadeira.

Pensando na palavra brincadeira, Piaget (1976) nos ensina a importância dessa atividade: é através do brincar que se originam as demais atividades intelectuais. A partir das atividades lúdicas as crianças desenvolvem maiores capacidades mentais. Nesse sentido, torna-se necessário entender a relação direta entre aprendizagem e brincadeira. Segundo Fortuna (2000, p.6): "[...] enquanto a aprendizagem é apropriação e internalização de signos e instrumentos num contexto de interação, o brincar é apropriação ativa da realidade por meio da representação".

A entrevista prosseguiu com uma pergunta sobre as atividade realizadas no recreio:

Entrevistadora: – o que vocês fazem durante o recreio?
Samuel: – Eu jogo bola.
Bruno: – Eu também
Renata: – Brinco com as minhas amigas na pracinha.
Paula: – Fico com minhas amigas.
Julia: – Fico caminhando pelas escolas.

Como observa-se nas respostas, a maioria das crianças aproveita o tempo do recreio realmente para brincar. É o momento que elas têm, se não o único, dentro da escola, onde podem jogar e brincar. Fortuna corrobora para este pensamento:

> Só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que estes momentos correm, permanentemente, o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja por não ter feito o tema ou ainda por não ter dado tempo. (FORTUNA, 2000, p. 3)

A partir das respostas das crianças, outra palavra surgiu: descanso. O recreio como tempo de descanso, talvez essa pudesse ser sua verdadeira função, já que ocorre, justamente, na metade da manhã ou da tarde. É, na realidade, um intervalo inserido entre as aulas. Por isso mesmo, não podemos esquecer que o recreio é,

também, dado aos professores e, para eles, serve, justamente, como um tempo de descanso, um tempo para lanchar e socializar com os colegas.

A partir do ensino fundamental e durante toda a vida escolar, as instituições de ensino sempre oferecem um tempo de intervalo entre as aulas. Em qualquer curso, seja no ensino médio, seja no superior, é disponibilizado um tempo de pausa entre as disciplinas. Geralmente, para os adolescentes e adultos, muda-se o nome de recreio para *intervalo*, talvez como modo de restringir o sentido, já que não é mais tempo para o lúdico. Intervalo é sério, não é momento de brincar.

Novamente, assim como o recreio se constitui no único espaço para brincar, ele é, também, o único momento de descanso dentro da escola, um tempo exclusivo, livre, que as crianças dispõem.

Temos outra definição relevante, que surgiu a partir dessa primeira pergunta: a socialização. Quando perguntados sobre o que faziam durante o recreio, não falaram somente no brincar, mas no brincar com os outros. O recreio se constitui, para elas, como um momento de troca com os colegas, seja brincando ou conversando.

Ainda sobre esse tema, quando perguntados se brincavam com alunos de outros anos, mais novos ou mais velhos, a maioria das crianças respondeu que sim, que tinham amigos e brincavam com alunos de outras turmas. Um dos aspectos importantes aqui é notar que é a socialização no recreio vai além dos colegas de sala de aula, pois propicia relações que podem não ocorrer no dia-a-dia da sala ou nos outros ambientes escolares.

Pensando sobre o ponto de vista da pedagogia libertária, um dos deveres da escola é o de proporcionar, prioritariamente, a vivência social diferente do grupo família, e o recreio cumpre essa função. É um espaço/tempo que estimula a autonomia dos alunos, a socialização e a solidariedade para com os outros.

5.3 Recreio X Sala de Aula?

> *Re-olhar, re-compor nossos conceitos, derrubar pré-conceitos e escolher outros a partir dos quais possamos entender que o espaço é muito mais do que parece ser, e pode muito mais do*

> *que tem sido considerado por nós, pela escola, pela educação e pela arquitetura.* (Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade, 2010, p. 16)

Partindo dos questionamentos sobre o que é o recreio e das respostas das crianças, perguntei, na sequência sobre o que era, para eles, a sala de aula:

Entrevistadora: – O que é a sala de aula?
Samuel, 9 anos e Bruno, 11 anos [responderam simultaneamente]: – Lugar de estudar.
Samuel [complementou]: – De ler.

Logo depois, houve silêncio, os que não responderam fizeram sinal de anuência e pude observar que a conversa parava por ali.

Através das respostas, as crianças demonstram que percebem, intuitivamente, que a sala de aula se configura como um espaço, majoritariamente, voltado para as atividades intelectuais. Nesse sentido, são oportunas as observações de Fortuna (2000, p.3) de que "O brincar, literalmente acantonado, deste modo não contamina as demais tarefas escolares, sendo mantido sob controle".

Senti a necessidade de aprofundar essa questão, então questionei as crianças sobre o que a sala de aula tem que o recreio não tem:

Entrevistadora: – O que tem na sala de aula e não tem no recreio?
Samuel: – Salas.
Emilly: – Quadros.
Paula: – Mesas.. Cadeira.

Como as respostas descrevem unicamente os aspectos físicos da sala, e não era a intenção da pergunta, retomei:

Entrevistadora: – E se não pensarmos nas coisas, o que tem na sala?
Julia: – A sora pedindo para fazer coisas.

Esta resposta, ao meu ver, englobou o pensamento das outras crianças, pois houve um grande silêncio consentido. Prosseguindo com as perguntas, fiz uma inversão, na tentativa de obter maiores informações.

Entrevistadora: – o que tem no recreio e não tem na sala de aula?
Paula: – Pula corda, patinete... Correr.
Emilly: – Futebol.
Bruno: – Balanço.
Samuel: – Gangorra, gostaria de gangorra na sala de aula.
Bruno: – Divertimento.

Ao comparar estas respostas com as anteriores, retirando as características físicas novamente descritas, podemos entender, por meio de suas falas, que a sala de aula é um lugar sem diversão. Poderíamos pensar que caberia à escola e ao próprio professor oferecer uma atmosfera de trabalho mais agradável, utilizando-se de meios e de espaços mais criativos.

A função que espera-se de um professor deve ser a de coordenar, a de organizar os interesses das crianças acompanhando e interpretando as hipóteses pessoais dos alunos, incentivando as descobertas e proporcionando os meios para a sua manifestação livre. (ELIAS, 1997, p. 35)

Seguindo nessa mesma linha, quando questionadas sobre o que falta na sala de aula, as respostas que surgiram veem ao encontro do que foi dito acima:

Entrevistadora: – O que falta na sala de aula?
Samuel: – Mesa nova.
Bruno: – Diversão, é muita aula.
Julia: – Pior, é muita matéria. Muito tudo.
Bruno: – Deveria ter mais jogos.
Renata: – Tinha que ter três períodos de leitura.
Renan: – Mais recreio.
Samuel: – Tinha que ter brinquedos atrás, igual nossa antiga sala.

Nas respostas, as crianças pedem por aulas diferenciadas, pedem por atividades simples como leitura, brinquedos e jogos. Reclamam que na sala de aula tem muita aula, "muita matéria, muito tudo", como na fala de Julia.

Pensando nessas questões, é fundamental a reinvenção do espaço e tempo escolares, proposta do Programa Mais Educação[5]. Segundo Moll:

---

[5] O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Conforme: http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689. Acessado em 10/11/2016

> A concepção do Programa Mais Educação vem sendo pensada e proposta na perspectiva da reinvenção da prática educativa escolar no sentido de seu desenclausuramento, de seu reencontro com a vida, do desenrijecimento de seus tempos, da interlocução entre os campos do conhecimento, em função da compreensão e da inserção qualificada no mundo. No reencontro com a vida coloca-se a perspectiva de um projeto educativo que, ancorado na instituição escolar, possa recriar seu sentido na relação com outros interlocutores, outros espaços, outras políticas e equipamentos públicos (MOLL *apud* Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade. 2010, p. 48)

Importante, também, notar a fala de Renan, pedindo por mais recreio. Esse pedido pode ser interpretado como um pedido por mais prazer, pelo espaço lúdico, pelo descanso, já que concorda com os colegas quanto eles falam que é muita aula. A realidade e o cotidiano da escola muitas vezes não proporciona prazer aos alunos. Segundo Freinet:

> Infeliz a educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes. (FREINET, 2004, 7ª ed. p. 53)

Neste aspecto, lembrando que a pesquisa foi realizada com crianças cursando o ensino fundamental, oportunas são as observações de Fortuna sobre o papel do professor nas etapa do ensino:

> Muitos educadores buscam sua identidade na oposição entre brincar e estudar: os educadores de crianças pequenas, recusando-se a admitir sua responsabilidade pedagógica, promovem o brincar; os educadores das demais séries de ensino promovem o estudar. (FORTUNA, 2000, p.3)

Voltando à entrevista, faço mais uma pergunta tentando obter mais informações sobre as percepções a respeito da sala de aula:

Entrevistadora: – Como vocês se sentem na sala de aula?
Julia: – Eu me sinto mal.
Bruno: – Cansado.
Renan: –Meus dedos doendo.

Para que as crianças não deem respostas como essa, penso que a educação precisa fazer sentido para os alunos, considerando os saberes que já possuem. Nesse sentido, explica Deyreel que:

> Os alunos chegam a escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivos, afetivos e sociais, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela escola só vem a consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos. (DEYREEL apud CALDEIRA, 2002, p.17)

Nesta mesma linha, os teóricos da pedagogia libertária, como Freinet e Paul Robin, acreditavam que o trabalho da escola deveria estar estreitamente ligado à vida cotidiana e ao contexto histórico-social dos alunos. Não é à toa que em suas práticas pedagógicas nas escolas propunham aulas partindo do ambiente em que estão inseridas as crianças, assim como os ambientes de seus próprios interesses, de forma natural. Segundo Freinet:

> Nenhuma, absolutamente nenhuma das grandes aquisições vitais se faz por processos aparentemente científicos. É a caminhar que a crianças aprende a andar; é a falar que aprende a falar; é a desenhar que aprende a desenhar. (FREINET apud ELIAS, 1997, p.53)

Pensando no porquê da “dor nos dedos”, que apareceu na fala de Renan, a primeira imagem que tenho é a do aluno sentado em sua cadeira na sala de aula copiando imensos textos do quadro, durante horas. Parece que a figura do aluno que só copia o conteúdo do quadro continua presente na escola e é usada por alguns professores como ferramenta principal das aulas, como forma de manter as crianças sentadas e quietas.

5.4 O problema do tempo

O tempo é um conceito complexo, e por isso mesmo, pode ser entendido de diversas formas, dependendo do momento histórico. O estudo do tempo e a curiosidade sobre ele está presente na maioria das sociedades. Aqui faremos breves observações sobre o tempo na escola. Dentro desse contexto, há, por exemplo, o tempo físico que regula nossas vidas: dos relógios e calendários; e há o tempo de cada pessoa, que tem seu significado particular e uma maneira diferente e única de experiência-lo. Conforme Sacristán:

> El tempo es algo en lo que se realiza nuestra experiência personal e colectiva, el "mientras transcurre" la experiência; lo que conecta, da continuidade y, a la vez, separa a unas generaciones de otras. Es algo infinito, pero muy limitado para cada uno de nosotros. (SACRISTÁN, 2008, p.18)

O tempo escolar corresponde ao tempo das outras estruturas sociais. A jornada escolar corresponde aos dias da semana; os períodos de aula tem relação com a duração de trabalho; os feriados, as férias e o ano escolar também se conectam com o calendário de cada sociedade, de cada país. Essa estruturação condiciona a vida e os hábitos dos estudantes, estando eles ou não de acordo. (Sacristán, 2008).

Esta introdução sobre o tempo é trazida, agora, com o intuito de analisar estes aspectos sob a ótica dos alunos, uma vez que este trabalho busca refletir sobre como os alunos vivem o tempo do recreio e os demais tempos escolares.

No momento em que iniciei minhas observações, antes de realizar o grupo de discussão, percebi que os vinte minutos do recreio eram os mais aguardados pelas crianças. A emoção com sua chegada talvez só possa ser comparada à chegada das aulas de educação física. Assim, o momento do recreio parece ser vivido com maior entusiasmo e felicidade do que os demais momentos da rotina escolar. Sempre me perguntei o porquê. Será que as crianças adoram só correr, adoram gastar energia (comparando com as aulas de educação física)? É a liberdade de aproveitar o tempo como quiserem que as atrai?

Para investigar esta questão, resolvi perguntar, primeiramente, como se sentiam na hora do recreio. Apresento a transcrição desta parte da entrevista:

> **Entrevistadora**: – Como vocês se sentem na hora do recreio?
> **Renata** [enfática]: – Cansada!
> **Bruno**: – As vezes, eu até fico sentado de tanta aula.
> **Renan** [concordando]: – Cansado de tanta aula.
> **Bruno [**completando]: – É 20 minutos de recreio, o resto tudo de aula.
> **Julia** [concordando]: – Aham.

Achei notável que as crianças se sintam cansadas de "tanta aula" e que afirmem que, de vez em quando, não consigam brincar na hora do recreio, como enfatiza Bruno, de 11 anos. No início da pesquisa, não pensava que ouviria esse tipo de resposta.

Em razão disso, passei para a questão seguinte, que era saber quanto tempo de recreio elas gostariam de ter. Que respostas poderiam aparecer? Em um primeiro momento, esperava ouvir como resposta “o tempo todo”. Porém, para minha surpresa, nenhuma das crianças respondeu assim. Não chegaram nem próximos disso. O máximo de tempo que uma delas disse foi: “uma hora. A seguir, transcrevo esse trecho da entrevista:

Entrevistadora: – Quanto tempo vocês acham que o recreio deveria ter?
Renan: – Uma hora.
Julia: – Não. Uma hora não.
Samuel: – 50 minutos.
Julia: – 40 minutos.
Samuel [novamente]: – É, 40 minutos.
Bruno: – 30 minutos.
Julia [indignada com a proposta do colega]: – Que trinta minutos!
Renan [refletindo]: – 50 minutos.
Bruno: – Uns 40 minutos, 35 minutos, pode ser
Renan: – Melhor que aumente uns 30.
Bruno: – Antes era 30 minutos.
Julia: – Dá para beber água, ir no banheiro, depois fica tudo mais calmo.
Renata: – A sora não deixa a gente ir no banheiro da sala.
Bruno: – É, dá mais tempo de ficar na informática, dá tempo de fazer mais coisas.

As respostas demonstram que as crianças querem um tempo de recreio que não seja muito grande, nem muito pequeno: querem um tempo que sirva tanto para descansar, quanto para brincar. Um tempo para que possam ir ao banheiro, possam fazer um lanche e ainda brincar e socializar com seus amigos. Se fizermos uma média dos tempos propostos, as crianças sugerem 40 minutos como sendo o tempo de recreio ideal.

Seguindo essa linha, coloquei a eles a questão a respeito do tempo de aula:

Entrevistadora: – Quanto tempo deveria ser a aula?
Julia: –15 minutos.
Renan: – não, daí é muito pouco, vou ficar burro demais.
Samuel: – 5 minutos.
Bruno: – 2 horas só aula e depois liberavam para qualquer coisa.
Renata: – o resto tudo de curso.
Bruno: – tipo assim: umas quatro horas de aula e uma hora de recreio.
Renata: – depois do recreio tudo curso: judô, coral, música.
Julia: – bem que nós podia fazer coisa diferentes na sala de aula. A sora não faz, só sabe colocar no quadro, só livro.
Bruno: – três horas ela dava aula, depois jogos, depois a gente ia pro pátio. Levava para informática... A gente foi uma vez para lá, estudar.
Renata: – a gente nunca foi.

Apesar das reclamações sobre a dinâmica da aula, aparece nas falas uma preocupação com o aprendizado, como podemos perceber na resposta de Renan, que não quer 15 minutos de aula, pois assim “vai ficar burro demais”. Nota-se a valorização e a identificação da escola como um ambiente de aprendizagem: querem aulas e querem cursos.

Por outro lado, querem também aulas diferentes, que saiam “do colocar coisas no quadro”; pedem por jogos, aulas de informática, cursos. Esses pedidos revelam que as iniciativas de projetos de contra-turno, como oficinas e cursos despertam o interesse das crianças. A escola pesquisada oferece alguns desses projetos e parecem estar funcionando, pois é dessa forma que as crianças entrevistadas revelam que querem aprender.

A vontade de aprender que aparece nas respostas é fundamental, pois mostra a disponibilidade e a curiosidade das crianças no processo educativo, demostrando que elas estão abertas ao saber. A escola e os professores devem ter o cuidado de proporcionar aulas diferentes, que vão ao encontro da expectativa das crianças.

Assim, é preciso ressignificar a sala de aula, transformando-a em um espaço motivador para os alunos. Podem ser disponibilizados brinquedos e jogos nas salas do quarto e quinto ano, como pedem as crianças. Dessa forma o professor conseguirá estabelecer a mediação do agir pedagógico embasado no conhecimento, no prazer e na reflexão. Nesse sentido, afirma Fortuna:

> Se examinarmos detalhadamente as práticas pedagógicas predominantes na atualidade constataremos a inexistência absoluta de brinquedos e momentos para brincar na escola. […] Nos raros momentos em que são propostos, são separados rigidamente das atividades escolares, como o "canto" dos brinquedos ou o "dia do brinquedo" – e, assim mesmo, apenas nas escolas infantis, pois nas classes de ensino fundamental estas alternativas são abominadas, já que os alunos estão ali para "aprender, não para brincar. (FORTUNA, 2000, p.3)

Também, é muito importante nesta etapa, fazer com que as crianças continuem com vontade de aprender, fazer com que não percam o interesse, fazer com que não se desmotivem ao longo dos anos. Se elas não quiserem aprender, ensinar se torna um tarefa quase impossível.

A partir da análise das entrevistas surgiram novas questões, talvez ainda mais complexas e que não caberiam neste espaço de pesquisa.

5. 5 Desenhos da escola

No início das entrevista, pedi que cada uma das crianças fizesse um desenho que representassem elas em um espaço escolar que gostassem. Disponibilizei apenas lápis preto e borracha. A seguir, mostrarei os desenhos produzidos e farei alguns comentários a respeito deles.

Foto 9 – Desenho do Renan, 10 anos. Fonte: Acervo Pessoal

Analisando o primeiro desenho, há um menino sorrindo, feliz, ao lado de uma goleira e de uma árvore. As árvores, a natureza, são presença constante dentro da escola e aparecem representadas no desenho.

Foto 10 – Desenho da Renata, 9 anos. Fonte: Acervo Pessoal

No desenho de Renata, ela está praticamente no mesmo espaço desenhado por Renan, ambos entre uma árvore com balanços e, do outro lado, uma goleira de futebol. Renata se desenhou com um largo sorriso. Ela contou que gosta de brincar com as amigas na pracinha durante o recreio.

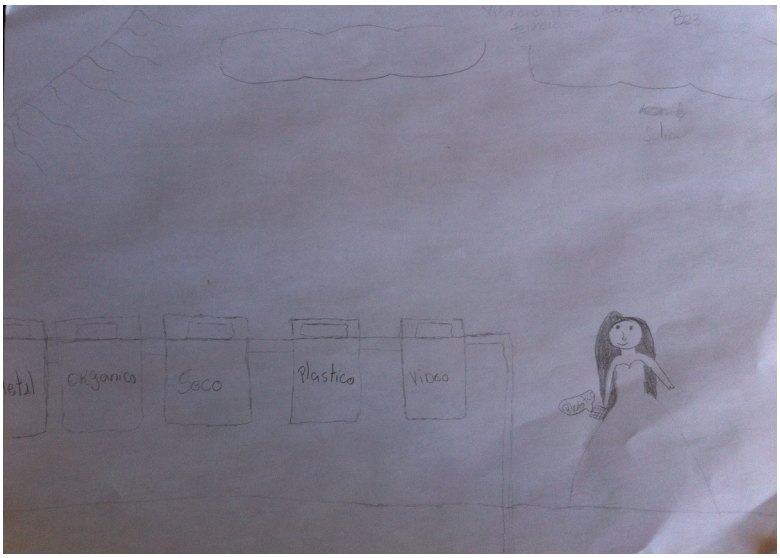

Foto 11 – Desenho da Julia, 11 anos. Fonte: Acervo Pessoal

Julia contou que participa e gosta muito do projeto ambiental LIAU, oferecido pela escola no turno inverso ao da aula. Lá aprendeu a importância de recolher e reciclar o lixo. Desenhou justamente essa atividade. A escola possui lixeiras como

as representadas em diversos lugares e a personagem (que não é ela, conforme Julia frisou) vestida de princesa está na escola, também muito feliz.

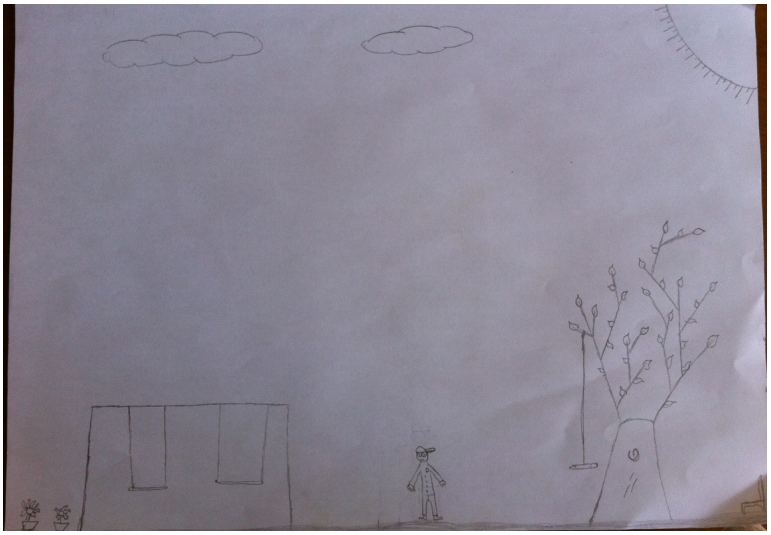

Foto 12 – Desenho do Bruno, 11 anos. Fonte: Acervo Pessoal

O desenho de Bruno é ele mesmo, sorrindo, com seu boné, na pracinha. Desenhou balanços, uma árvore e flores, em um dia de sol. Novamente, assim como nos desenhos das outras crianças, o espaço é externo aos prédios da escola. A novidade que aparece no canto direito é uma cadeira, ou um banco, possivelmente indicando um lugar de descanso. Bruno relatou em suas falas, que ficava muito cansado de tanta aula e que, as vezes, durante o recreio ficava sentado.

Foto 13 – Desenho da Paula, 09 anos. Fonte: Acervo Pessoal

Paula parece apaixonada pela natureza, rega as flores, cuida do pátio, varrendo o lixo. Está em um ambiente externo, com árvores, flores e borboletas. Contou que gosta de colher amoras das árvores da escola.

Foto 14 – Desenho do Samuel, 09 anos. Fonte: Acervo Pessoal

Samuel disse que passa o recreio inteiro na quadra de futebol. Esse é o lugar que mais gosta, ele está no meio do campo, alegre com sua bola de futebol.

Se observamos atentamente, todos os desenhos do espaço escolar preferido das crianças são espaços externos aos prédios escolares. Há nos desenhos uma presença constante da natureza que envolve a escola, seja no desenho das árvores, das flores, do céu ou dos espaços amplos ao ar livre. A maioria dos desenhos também traz representações de brinquedos, como gangorras, bola e quadras esportivas, mostrando que preferem lugares onde possam brincar e se divertir.

Aparentemente, o pátio e as quadras de futebol não são considerados espaços educativos para a escola, mas são apontados como importantes e valorizados pelas crianças. Seria necessário que a escola utilizasse, justamente, esses espaços em suas práticas pedagógicas, valorizando o interesse que há ali.

> […] o espaço não é educativo por natureza, mas ele pode *tornar-se* educativo a partir da apropriação que as pessoas fazem dele, ou seja, o espaço é potencialmente educativo. E o arranjo destes espaços não deve se limitar a especialistas (arquitetos, engenheiros...), mas sim, deve ser prática cotidiana de toda a comunidade escolar. (Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade, 2010, p. 29)

Por fim, no último capítulo que compõe este trabalho, aponto alguns destes novos questionamentos, assim como apresento algumas considerações sobre as respostas das crianças, refletindo sobre os possíveis caminhos a serem tomados.

6. POSSÍVEIS CAMINHOS

> *El pátio está lleno de rincones y de oportunidades para poder movese con libertad y autonomía; para explorar las posibilidades de su cuerpo; para trabajar la imaginación y recrearse en un mundo de fantasía; para experimentar con diferentes elementos; para autoprotegerse ante los peligros y vencer dificultades; para disfrutar de la soledad y de la compañía; para conversar con uno mismo y con los demás; para aprender a compartir normas y a resolver pequeños conflictos; para adquirir hábitos de socialización; para empezar a conformar su identidad individual y coletiva...* (CABONELL, Sebarroja, Jaume; SERRA, Angel J. 2009, p. 178)

Ao longo da pesquisa, percebi que o recreio representa um tempo e um lugar especial dentro da rotina escolar. Nesse sentido, surgiram algumas questões que permanecem em aberto: Será que vinte minutos é suficiente para as crianças brincarem, descansarem, socializarem? Quanto tempo de recreio os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental deveriam ter?

A partir dessas e de outras questões, concluo que o recreio é muito importante para o desenvolvimento das crianças. Apresenta-se, dentro da escola, como um dos únicos momentos em que os estudantes experimentam a autogestão, que podem fazer escolhas: o que fazer, com quem conversar, onde ir, como e com quem brincar. Também é um espaço/tempo fundamental para a socialização, onde diversas e importantes relações são construídas.

Dessa forma, também podemos considerar o recreio como um espaço de resistência, pois ele demonstra, dentro da própria escola, que ela pode ser um lugar diferente do que é.

Portanto, é preciso valorizar e reconhecer o recreio pelas múltiplas e importantes funções que ele tem no desenvolvimento das crianças, mantendo-o como este espaço/tempo de liberdade, de autogestão. Sem intervenções pedagógicas, possibilitando que as crianças se organizem da forma como desejam.

Por fim, o trabalho aponta para a direção de que, enquanto professores e pesquisadores, devemos escutar o que as crianças pensam sobre a organização

desse espaço/tempo. Devemos pensar como poderia ser o tempo de estudo e o tempo de recreio. Precisamos parar e refletir sobre como as crianças gostam de aprender, e o que pode ser feito nessa direção.

É pensando em novos arranjos na forma de organizar as propostas escolares que encerro este trabalho. Deixo, assim, as dúvidas e questões em aberto para que elas possam alavancar novas pesquisas sobre o tema do espaço/tempo do recreio.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago editorial. 2006.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueira. **Elaboração de um projeto de ensino.** In: Presença Pedagógica. Belo Horizonte, MG: Editora Dimensão, v.8, n 44, mar/abr 2002.

CABONELL, Sebarroja, Jaume; SERRA, Angel J**. La vida escolar en un curso : cosas que no siempre se explican**. Barcelon: Graó, 2009. (Micro-macro referencias; v. 24).

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FORTUNA, Tânia R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais.** Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164

FREINET, Célestin, **Pedagogia do bom senso**. 7. ed. (1ª edição: fevereiro de 1985). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GALLO, Silvio. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995

GALLO, Silvio. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.

LIMA, Mayenne S. **A criança e a cidade**. São Paulo: Nobel 1998.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A**. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescentes no Pátio, Outra Maneira de Viver a Escola : um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar a periferia urbana.** Porto Alegre: UFRGS, 2005. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

MOLL, Jaqueline. **Conceitos e pressupostos: o que queremos dizer quando falamos em Educação integral?** Programa *Salto para o Futuro – Educação Integral*. Rio de Janeiro, agosto de 2008, p.13.

PIAGET, Jean. **A formação de símbolo na Criança: Imitação, jogo, imagem e representação**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

SACRISTÁN, J. G. **El valor del tiempo en educación**. Madrid, España: Editorial Morata, 2008.

MEC.**Territórios Educativos para a Educação Integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade**. Cadernos Pedagógicos. Série Mais Educação. Brasil, Secad 2010.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa**. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia T. (orgs.). *Itinerários de pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (p.287-309)